

Léon Denis

O Progresso

A scenic sunset over a body of water. The sun is low on the horizon, casting a bright orange and yellow glow across the sky and reflecting on the water. A sailboat is visible on the left side of the water. In the background, there are silhouettes of mountains or hills. The overall atmosphere is peaceful and serene.

CAPÍTULO VII – O Progresso na Imortalidade

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

Índice

Assunto	Origem	Pagina
O Progresso na Imortalidade	O Progresso	03
A ponta do “Iceberg” chamada humanidade	O Consolador	08
A Gênese	O Consolador	12

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

O progresso – Léon Denis Capítulo VII – O Progresso na Imortalidade

Complemento filosófico

Embora a humanidade avance pouco a pouco na estrada do progresso, pode-se dizer que a imensa maioria de seus membros marcha através da vida como em meio de uma noite obscura, ignorando de onde vem, não sabendo para onde vai, não tendo jamais sonhado com o objetivo real da existência.

Espessas trevas dominam a razão humana; os raios destes poderosos focos, que são a justiça e a verdade, só chegam a ela pálidos, enfraquecidos e insuficientes para aclarar os caminhos sinuosos por onde as inúmeras legiões seguem em marcha, para fazer brilhar a seus olhos o objetivo ideal e distante.

Ignorante de seus destinos, indeciso entre o preconceito e o erro, o homem maldiz, por vezes, a vida. Desfalecendo ao peso do seu fardo, lança sobre seus semelhantes a causa das provas que ele engendra e sofre, muitas vezes por sua imprevidência. Revoltado contra Deus, que ele acusa de injusto, em sua loucura e seu desespero chega mesmo, algumas vezes, a desertar do combate salutar, da luta que só pode fortificar sua alma, aclarar seu julgamento, prepará-lo para trabalhos de ordem mais elevada.

Por que é assim? Por que o homem desce frágil e desarmado na grande arena onde se trava, sem tréguas e sem descanso, a eterna e gigantesca batalha? É que esse globo terrestre é simplesmente um dos degraus inferiores da escala dos mundos e nele moram apenas espíritos novos, isto é, almas nascidas recentemente com a razão.

A matéria reina soberana em nosso mundo e curva sob seu jugo até os melhores dentre nós; limita nossas faculdades, paralisa nossos anseios para o bem e nossas aspirações para o ideal.

Assim, para discernir o porquê da vida, para conhecer sua razão de ser, para entrever a lei suprema que rege as almas e os mundos é preciso saber libertar-se dessas pesadas influências, liberar-se das preocupações de ordem material, de todas essas coisas passageiras e volúveis que acobertam nosso espírito, dificultando nossos julgamentos. Somente nos elevando algumas vezes pelo pensamento, acima dos próprios horizontes da vida, fazendo abstração do tempo e do espaço e planando, de certa forma, acima dos pormenores da existência, é que perceberemos a verdade.

Com um esforço de vontade, abandonemos por um instante a Terra e subamos essas encostas sublimes. Do alto dos cumes intelectuais se desenrolará, para nós, o imenso panorama dos tempos sem fim e dos espaços sem limite. Do mesmo modo que o soldado perdido na luta só vê confusão em seu derredor, enquanto que o general, cujo olhar alcança todas as peripécias da batalha, calcula e prevê seus resultados; da mesma forma que o viajante, perdido nas dobras do terreno, subindo a montanha, pode vê-las se fundir numa planície grandiosa, assim a alma humana, dos cumes onde ela plana, longe dos ruídos da Terra, longe dos recantos obscuros, descobre a harmonia universal. O que embaixo lhe parecia confuso, inexplicável e injusto, visto do alto se liga e se aclara.

As sinuosidades da existência se endireitam. Tudo se une, tudo se encadeia. Ao espírito deslumbrado aparece a ordem majestosa que regula o curso das existências e a marcha dos universos.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

Dessas alturas iluminadas, a vida não é mais, aos nossos olhos, como aos da multidão, a busca vã de satisfações efêmeras, porém um meio de aperfeiçoamento intelectual, de elevação moral, uma escola onde se aprende a doçura, a paciência e o dever.

Esta vida, para ser eficaz, não pode ser isolada. Fora de seus limites, além do nascimento e da morte, vemos, numa espécie de penumbra, desenrolar-se uma multidão de existências através das quais, à custa do trabalho e do sofrimento, conquistamos, peça por peça, pedaço por pedaço, o pouco de saber e de qualidades que possuímos e pelos quais também conquistaremos o que nos falta: uma razão perfeita, uma ciência sem limites e um amor infinito por tudo quanto vive.

A imortalidade, semelhante a uma cadeia sem fim, se desenrola para cada um de nós na imensidade dos tempos. Cada existência é um elo que se liga, para trás e para frente, em uma cadeia distinta, a uma vida diferente, porém solidária com as outras.

O futuro é a conseqüência do passado e, de degrau em degrau, o ser se eleva e cresce. Artífice de seus próprios destinos, o homem, livre e responsável, escolhe seu caminho e se essa rota é difícil, as quedas que terá, os calhaus e os espinhos que irão dilacerá-lo terão como efeito desenvolver sua experiência e fortificar sua razão nascente.

A lei suprema do mundo é, portanto, o progresso incessante, a ascensão dos seres para Deus, fonte das perfeições. Das profundezas do abismo, das mais rudimentares formas da vida, por uma rota infinita e com o auxílio de transformações sem conta, nós nos aproximamos dele. No fundo de cada alma o Eterno colocou o germe de todas as faculdades e de todas as potências; cabe-nos fazê-las eclodir por nossos esforços e por nossas lutas!

Encarado por esses aspectos novos, nosso progresso, nossa vindoura felicidade é obra nossa e a graça não tem mais razão de ser, pois a justiça brilha afinal sobre o mundo, porque se todos lutamos e sofremos, todos seremos salvos.

Igualmente se revela aqui, em toda a sua grandeza, o papel da dor e sua utilidade para o progresso dos seres. Cada globo que rola no espaço é uma vasta oficina onde a substância das almas é incessantemente trabalhada.

Assim como o grosseiro mineral, sob a ação do fogo e das águas, se transforma, pouco a pouco, em um puro metal, também a alma humana, sob os pesados martelos da dor, se transforma e se fortifica. É no meio das provas que se forjam os grandes caracteres. A dor é a suprema purificação, é a fornalha onde se fundem todas as escórias impuras que corrompem a alma: o orgulho, o egoísmo e a indiferença.

É a única escola onde se afinam as sensações delicadas, onde se aprendem a piedade e a resignação estóicas. Os gozos sensuais, ligando-nos à matéria, retardam nossa elevação, enquanto que o sacrifício e a abnegação nos desligam, por antecipação, dessa espessa ganga e nos preparam para novas etapas e para uma ascensão mais alta. Assim a alma se eleva na escalada magnífica dos mundos e percorre o campo sem limites dos espaços e dos tempos.

A cada conquista sobre as paixões, a cada passo à frente, engrandecida e purificada, ela vê seus horizontes se alargarem e percebe, cada vez mais distintamente, a grande harmonia das leis e das coisas e nela participa de uma forma bem estreita e mais efetiva.

Então para ela o tempo se apaga e os séculos se escoam como segundos. Unida a suas irmãs, companheiras da erraticidade, ela prossegue sua marcha eterna no seio de uma luz cada vez maior.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

De nossas buscas e de nossas meditações se destaca assim uma grande lei: a pluralidade das existências da alma. Nós vivemos antes do nascimento e viveremos depois da morte e esta lei nos dá a chave de problemas até agora insolúveis, pois somente ela explica a desigualdade das condições e a infinita variedade dos caracteres e das aptidões. Conhecemos ou conheceremos, sucessivamente, todas as fases da vida terrestre e percorreremos todos os meios. No passado, nós éramos como esses selvagens que povoam os continentes atrasados; no futuro, nós nos poderemos elevar à grandeza desses gênios imortais, desses espíritos gigantes que, semelhantes a faróis luminosos, iluminam a marcha da humanidade.

O tempo e o trabalho são os dois elementos de nosso progresso e a lei da reencarnação mostra, de uma forma brilhante, a soberana justiça que reina sobre todos os seres. Passo a passo, nos forjamos e quebramos, nós próprios, nossos grilhões. As provas terríveis, que alguns dentre nós sofrem, são a conseqüência de uma conduta do passado.

O déspota renasce escravo; a mulher altiva e vaidosa por sua beleza tomará um corpo enfermo e sofredor; o preguiçoso voltará como servo, curvado sob uma tarefa ingrata, e aquele que fez sofrer, por seu turno, sofrerá. É inútil procurar o inferno nas regiões desconhecidas e distantes. O inferno está em torno de nós e se oculta nas dobras ignoradas da alma culpada, na qual só a expiação pode fazer cessar as dores.

Entretanto, dirão, se outras vidas precederam o nascimento, por que perdemos sua lembrança e como poderemos resgatar com sucesso faltas esquecidas?

A lembrança! Ela não seria mais que um terrível grilhão atado aos nossos pés! Mal saída das idades da fúria, escapando, ontem, da bestialidade feroz, qual deve ser esse passado de cada um de nós? Pelas etapas vencidas, quantas lágrimas temos feito correr e quanto sangue temos derramado! Conhecemos o ódio e praticamos a injustiça. Que fardo moral essa longa perspectiva de faltas para um pobre espírito já débil e cambaleante! Depois, a lembrança de nosso próprio passado estaria ligada, de uma forma íntima, à lembrança do passado de outras pessoas. Que desagradável situação para o culpado, marcado assim com o ferro em brasa pela eternidade!

E os ódios, os erros se perpetuariam pela mesma razão, criando divisões profundas e eternas no seio dessa humanidade já tão sacrificada. Sim, Deus fez bem em apagar de nossos frágeis cérebros a lembrança de um passado perigoso. Após termos bebido as águas do Léthé,³ renascemos numa nova vida. Uma educação diferente, uma civilização mais ampla faz espantar os fantasmas que perturbaram outrora nosso espírito.

Aliviados dessa bagagem pesada, avançamos com passo mais rápido pelas sendas que nos são abertas.

Entretanto esse passado não está tão extinto que não lhe possamos entrever alguns vestígios. Se, livres das influências exteriores, descermos ao fundo de nosso ser, se analisarmos, com cuidado nossas preferências e nossas aspirações, descobriremos coisas que nada em nossa atual existência e na educação recebida pode explicar.

Partindo daí, chegaremos a reconstituir esse passado, senão em seus pormenores, pelo menos em suas grandes linhas. Quanto às faltas, ocasionando, nesta vida, uma expiação consentida, ainda que apagadas momentaneamente aos nossos olhos, sua causa primária não permanece menos visível para sempre, isto é, nossas paixões, nosso caráter ardente que novas encarnações terão como meta curvar e domar.

Assim, pois, se deixamos sob o esquecimento as mais perigosas lembranças, carregamos, pelo menos, conosco o fruto e as conseqüências dos trabalhos recentemente conquistados, isto é, uma

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

consciência, um julgamento e um caráter talhados por nós próprios. O que chamamos desigualdade não é outra coisa senão a herança intelectual e moral que as vidas passadas nos legam.

Cada vez que se abrem, para nós, as portas da morte, quando, separada do jugo material, nossa alma escapa de sua prisão de carne para entrar novamente no império dos espíritos, então o passado reaparece inteiramente diante dela. Uma após outra, na rota percorrida, ela revê suas existências: as quedas, as conquistas e as marchas rápidas. Ela se julga a si mesma, medindo o caminho percorrido, e no espetáculo de seus sucessos ou de suas vergonhas, colocados diante dela, encontra seu castigo ou sua recompensa.

Sendo o aperfeiçoamento intelectual e moral da alma o objetivo da vida, qual condição e qual meio nos convém melhor para conseguir esse objetivo? O homem pode trabalhar para essa perfeição em todas as condições e em todos os meios sociais, porém trabalhará mais vitoriosamente em determinadas condições.

A riqueza proporciona ao homem poderosos meios de estudo e lhe permite dar a seu espírito uma cultura mais desenvolvida e mais perfeita; ela põe em suas mãos facilidades maiores para aliviar seus irmãos infelizes e participar de tarefas úteis para lhes melhorar a sorte. Todavia são raros os que consideram como um dever trabalhar para aliviar a miséria ou pela instrução e melhoria de seus semelhantes.

A riqueza esteriliza, muitas vezes, o coração humano; extingue essa chama interior, esse amor ao progresso e às melhorias sociais, que aquece todas as almas generosas; coloca uma barreira entre os poderosos e os humildes e isola, numa esfera, os deserdados desse mundo, onde, por consequência, suas necessidades e seus males são ignorados e desconhecidos.

A miséria também tem seus horrorosos perigos: a degradação dos caracteres, o desespero e o suicídio, mas enquanto a riqueza nos torna indiferentes e egoístas, a pobreza, aproximando-nos dos humildes, nos faz compartilhar de suas dores. É preciso ter sofrido para avaliar o sofrimento dos outros. É então que os poderosos, no meio das honras, se invejam entre si e procuram rivalizar, em ostentação, os pequenos, aproximados pela necessidade e que vivem, por vezes, em uma tocante confraternização.

Olhai os pássaros de nosso país durante os meses de inverno, quando o céu está sombrio, quando a terra está coberta com um branco manto de neve; agarrados uns aos outros, na borda de um telhado, eles se aquecem mutuamente, em silêncio. A necessidade os une. Contudo, nos belos dias, com o Sol resplandecendo e a provisão abundante, eles piam quanto podem, perseguem-se, batem-se e se machucam. Assim é o homem. Dócil, afetuoso para com seus semelhantes nos dias de tristeza, a posse dos bens materiais muitas vezes o torna esquecido e insensível.

Uma condição modesta faz mais bem ao espírito desejoso de progredir, de adquirir as virtudes necessárias para seu progresso moral. Longe do turbilhão dos prazeres fugazes, ele julgará melhor a vida, dará à matéria o que é necessário para a conservação de seus órgãos, porém evitará cair em hábitos perniciosos, tornar-se presa das inúmeras necessidades factícias que são o flagelo da humanidade. Ele será sóbrio e laborioso, contentando-se com pouco, apegando-se aos prazeres da inteligência e às alegrias do coração.

Fortificado assim contra os assaltos da matéria, o sábio, sob a pura luz da razão, verá resplandecer seu destino. Esclarecido quanto ao objetivo da vida e ao porquê das coisas, ficará firme e resignado diante da dor, que ele aproveitará para sua depuração e seu progresso.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

Enfrentará a provação com coragem, sabendo que ela é salutar, que ela é o choque que rasga nossas almas e que só por este rasgão derrama tudo quanto de fel e de amargura há em nós.

E se os homens se riem dele, se ele é vítima da intriga e da injustiça, aprenderá a suportar, pacientemente, seus males, lançando seus olhares para vós, oh! nossos irmãos mais velhos, para Sócrates bebendo a cicuta, para Jesus crucificado e para Joana na fogueira. Haverá consolação na lembrança de que os maiores, os mais virtuosos e os mais dignos sofreram e morreram pela humanidade.

Após uma existência bem preenchida, chegará a hora solene e é com calma, sem desgostos, que virá a morte. A morte que os homens cercam com um sinistro aparato, a morte, espantinho dos poderosos e dos sensuais e que para o pensador austero é a libertação, a hora da transformação, a porta que se abre para o império luminoso dos espíritos.

Esse pórtico das regiões extraterrestres será penetrado com serenidade, se a consciência, separada da sombra da matéria, erguer-se como um juiz, representante de Deus, perguntando? “Que fizeste da vida?” e ele responder: “Lutei, sofri, amei! Ensinei o bem, a verdade e a justiça; dei a meus irmãos o exemplo do correto e da doçura; aliviei as dores dos que sofrem e consolei os que choram. Agora, que o Eterno me julgue, pois estou em suas mãos!”

Homem, meu irmão, tem fé em teu destino, porque ele é grande. Confia nas amplas perspectivas, porque ele põe em teu pensamento a energia necessária para enfrentar os ventos e as tempestades do mundo. Caminha, valente lutador, sobe a encosta que conduz a esses cimos que se chamam virtude, dever e sacrifício. Não pares no caminho para colher as florzinhas do campo, para brincar com os calhaus dourados. Para frente, sempre adiante.

Olha nos esplêndidos céus esses astros brilhantes, esses sóis incontáveis que carregam, em suas evoluções prodigiosas, brilhantes cortejos de planetas. Quantos séculos acumulados foram precisos para formá-los e quantos séculos serão precisos para dissolvê-los.

Pois bem, chegará um dia em que todos esses sóis serão extintos, ou esses mundos gigantesco desaparecerão para dar lugar a novos globos e a outras famílias de astros emergindo das profundezas. Nada do que vês hoje existirá. O vento dos espaços terá varrido para sempre a poeira desses mundos, porém tu viverás sempre, prosseguindo tua marcha eterna no seio de uma criação renovada incessantemente. Que serão então, para tua alma depurada e engrandecida, as sombras e os cuidados do presente? Acidentes fugazes de nossa caminhada, que só deixarão, no fundo de nossa memória, lembranças tristes e doces.

Diante dos horizontes infinitos da imortalidade, os males do passado e as provas sofridas serão qual uma nuvem fugidia no meio de um céu sereno.

Considera, portanto, no seu justo valor, as coisas da Terra. Não as desdenhes porque, sem dúvida, elas são necessárias ao teu progresso e tua obra é contribuir para o seu aperfeiçoamento, melhorando a ti mesmo, mas que tua alma não se agarre exclusivamente a elas e que busque, antes de tudo, os ensinamentos nela contidos.

Graças a eles compreenderás que o objetivo da vida não é o gozo, nem a felicidade, porém o desenvolvimento por meio do trabalho, do estudo e do cumprimento do dever, dessa alma, dessa personalidade que encontrarás além do túmulo, tal como a tenhas feito, tu mesmo, no curso desta existência terrestre.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

Crônicas e Artigos

Nº 334 – 20/10/2013

O Consolador – (Rogério Coelho)

I. O progresso na Imortalidade

A ponta do “Iceberg” chamada humanidade

O homem que desperta para a grandeza da Criação identifica-se como grão infinitesimal de poeira nos Domínios Celestiais.

“Vendo a magnitude do Universo, a grandeza da Vida e o esplendor da Eternidade, não há como negar a nossa infinita pequenez.”

François C. Liran

A evolução é um processo cuja gênese se perde na noite dos tempos e igual distância – incomensurável – existe ainda a percorrer até à meta de perfeição a que nos conclamou Jesus.

Em nosso apoucamento mental, na obtusa perspectiva em que nos encontramos, não podemos compreender todo esse fantástico, perfeito e grandioso mecanismo divino...

Proveniente de um vaidoso antropomorfismo, a Humanidade acorda, agora, com o avanço do progresso, para uma nova realidade, na qual ela situa o seu verdadeiro papel no contexto do Universo. Como escreveu Eduardo Prado Coelho: “Com Copérnico, o homem deixou de estar no centro do Universo; com Darwin, o homem deixou de ser o centro do reino animal; com Marx, o homem deixou de ser o centro da História, e com Freud, o homem deixou de ser o centro de si mesmo”. Aliás, o combate ao personalismo já vem desde João Batista e Paulo de Tarso, que disseram respectivamente: “É preciso que eu diminua para que Jesus cresça”; “Já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim”. Tudo isso tem o condão de abrir inquestionáveis feridas narcíseas provocando o esboroamento da vitalidade do personalismo soez, realçando nossa condição de pigmeus ante a grandiosidade do Universo.

Sávio Laterce, mestrando em Filosofia pelo IFCS/UFRJ, escreveu um artigo publicado pelo Jornal do Brasil do dia 03.02.2001 com o título: “Uma Biografia de 4,5 Bilhões de Anos”, no qual podemos observar de perto o estudo do geólogo inglês Richard Fortey, compreendido na faixa de tempo que vai desde o surgimento do primeiro ser vivo até à invenção da escrita. Afirma Laterce que a partir do momento em que começamos a perguntar há quanto tempo existe vida na Terra, a ideia do ser humano e da sua primazia em a Natureza perde completamente o sentido. A Humanidade é a ponta de um grande “iceberg”, as linhas finais de um grande livro que vai continuar sendo escrito... Precisamos acreditar que, se nunca tivéssemos existido, a Natureza continuaria a se diversificar no seu ritmo criativo.

Apesar de um antropomorfismo cultivado durante séculos e séculos, temos que reconhecer que não somos o único objetivo final do mundo natural. As primeiras manifestações vivas do planeta datam de 4,5 bilhões de anos, segundo a ciência, enquanto se calcula que a mais antiga forma do homem surgiu há “apenas” 4,5 milhões de anos, ou seja, uma proporção de mil para um. O homem não é a medida de todas as coisas, como diria o sofista Protágoras, afirmando o Humanismo na Grécia do século V a.C. O que há é uma falsa medida do homem, como aponta o paleontólogo Stephen Jay Gould. Essas escalas temporais são tão inumanas que delas surgem confusões: difundiu-se, até mesmo em filmes, que os primeiros hominídeos foram contemporâneos dos dinossauros, mas a distância entre ambos é de 65 milhões de anos.

Contar a história da vida na Terra nesses últimos bilhões de anos, reservando algumas páginas no final do livro a nós, é o plano do geólogo inglês Richard Fortey, na obra “Vida: Uma Biografia não-Autorizada”. A abrangência está demarcada de início: cobre o intervalo entre o primeiro ser vivo e

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

a invenção da escrita. A civilização não interessa ao autor. Surge, então, a primeira questão crucial: como foi o começo da vida? A pergunta é de uma importância que dá até medo. Estamos no terreno de gelo fino da especulação e do pensamento, onde as áreas de saber estão indefinidas e onde a ciência esbarra na filosofia. O “Fiat Lux” divino caminhou dentro de parâmetros científicos e factíveis como muito bem o demonstra Richard Fortey, que avança com cuidado, mas lança sua tese, apoiada na síntese única e nunca mais repetida de moléculas carbônicas e energia como ponto gerador de toda a exuberância e diversidade posterior da vida. O carbono tem suas particularidades: diferentemente de outros elementos químicos presentes na Terra jovem, sua estrutura é estável e autorrepetidora. Isso quer dizer que já havia desde aí uma autossuficiência reprodutiva, uma auto poiesis (autofabricação), como dirigiam os biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela para resumir em que consiste a singularidade da vida. Poderíamos chamar esse estágio de pré-vida? Querer definições precisas ou verdades acabadas nessa fronteira, buscando onde acaba a química e onde se inicia a vida, é tocar o insondável, algo que ainda não tem resposta agora...

Só que o carbono não existia por aqui: Ele veio do Espaço. (Isso é confirmado por Emmanuel quando fala do Protoplasma, no livro: A Caminho da Luz). Não era difícil para os meteoros chamados condritos carbonáceos atingirem o solo do nosso planeta naqueles recuados tempos primitivos, onde nem mesmo atmosfera ainda existia como barreira protetora. Os meteoros caíam, então, com toda a força cinética no solo planetário ocasionando mudanças ecológicas extraordinárias, provocando grandes extinções de espécies animais e vegetais.

(...) Mas, para Fortey, a ideia de árvore da vida, que espalha seus galhos indefinidamente sem contenções, está ultrapassada. Houve vários obstáculos: eras glaciais, alterações repentinas na composição dos gases, queda de corpos celestes e recomposições terrestres das placas tectônicas. Didática e toscamente podemos comparar os movimentos da vida com um gigantesco dominó: se uma peça é alterada, tudo que vem depois dela é diferente.

Há 220 milhões de anos, todas as faixas de terra se uniram, formando um supercontinente, que passou a ser denominado de Pangeia. Os animais puderam, a partir daí, percorrer todas as áreas do globo. Assim, não é mera coincidência encontrarmos fósseis dos mesmos dinossauros em sítios arqueológicos da Austrália, da Inglaterra, da França e em Natal, no Brasil. O clima tropical em quase todos os lugares e a grande oxigenação eram uma ambientação favorável ao gigantismo dessa fase.

A extinção dos dinossauros é uma polêmica que se sustentou durante muito tempo. A ideia mais bem aceita hoje no meio científico é a do choque de um meteoro colossal de nove quilômetros de extensão contra o solo terrestre, alterando radicalmente as condições de vida. Seria impossível a Humanidade chegar ao estágio evolutivo em que chegou se os dinossauros ainda desfilassem pela Terra quando ela iniciou sua trajetória com os australopitecos há alguns milhões de anos. Talvez a própria linhagem dos mamíferos não pudesse se desenvolver até o homem.

Falando do homem propriamente, Darwin nunca disse que temos uma descendência direta dos macacos, afirmou, sim, que mantemos com eles um antepassado comum. A separação teria ocorrido há cinco milhões de anos e toda busca infinita por esse elo perdido entre ambos permanece até os nossos dias.

Fortey indica que um primeiro fator de Humanidade é a bipedia, conquistada há quatro milhões de anos. Sua importância está no fato de liberar as mãos e dar a chance de elas serem usadas para a fabricação de instrumentos, o que foi acompanhado por um avanço da capacidade cerebral. Para Fortey, sentimos até hoje os efeitos da passagem da condição de quadrúpedes para bípedes: dores nas costas são a prova disso.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

A chegada ao “Homo Sapiens” não foi uma linha reta. O homem de Neanderthal, que viveu entre 70 mil e 30 mil anos a.C., que tinha capacidade craniana praticamente igual à nossa, é apontado hoje como uma espécie à parte, que pode ter se extinguido em guerras com nossos antecessores. Enfim, sobrou o “Homo Sapiens” para contar a história...

E o futuro do homem? Se a Natureza é pródiga em mudanças, por que não continuaremos mudando? É esperar para ver, finaliza Laterce.

Emmanuel analisa(1) aspectos importantes sobre o “amanhã” da Humanidade, numa extraordinária mensagem psicografada por Chico Xavier intitulada:

O homem ante a vida

“No crepúsculo da civilização em que rumamos para a alvorada de novos milênios, o homem que amadureceu o raciocínio supera as fronteiras da inteligência comum e acorda, dentro de si mesmo, com interrogativas que lhe incendeiam o coração: Quem somos? Donde viemos? Onde se localiza a estação de nossos destinos?

À margem da senda em que jornadaei, surgem os escuros estilhaços dos ídolos mentirosos que adorou e, enquanto sensações de cansaço lhe assomam à alma enfermiça, o anseio da vida superior lhe agita os recessos do ser, qual braseiro vivo do ideal, sob a espessa camada de cinzas do desencanto. Recorre à sabedoria e examina o microcosmo em que sonha; reconhece a estreiteza do círculo em que respira; observa as dimensões diminutas do Lar Cósmico em que se desenvolve; descobre que o Sol, sustentáculo de sua apagada residência planetária, tem um volume de 1.300.000 vezes maior que o dela; aprende que a Lua, insignificante satélite do seu domicílio, dista mais de 380.000 quilômetros do mundo que lhe serve de berço.

Alongando as perquirições, além do nosso Sol, analisa outros centros de vida: Sírius ofusca-lhe a grandeza; Pólux, a imponente estrela dos Gêmeos, eclipsa-o em majestade; Capela é 5.800 vezes maior; Antares apresenta volume superior; Canópus tem um brilho oitenta vezes superior ao do Sol. Deslumbrado, apercebe-se de que não existe vácuo, de que a vida é patrimônio da gota d’água, tanto quanto é a essência dos incomensuráveis sistemas siderais, e, assombrado ante o esplendor do Universo, o homem que empreende a laboriosa tarefa do descobrimento de si mesmo volta-se para o chão a que se imanta e pede ao amor que responda à soberania cósmica, dentro da mesma nota de grandeza.

Todavia, o amor no ambiente em que ele vive é ainda qual planta em tenro desabrochar. Confinado ao reduzido agrupamento consanguíneo a que se ajusta, ou compondo a equipe de interesses passageiros a que provisoriamente se enquadra, sofre a inquietação do ciúme, da cobiça, do egoísmo, da dor... Não sabe dar sem receber, não consegue ajudar sem reclamar e, criando o choque da exigência para os outros, recolhe dos outros os choques sempre renovados da incompreensão e da discórdia, com raras possibilidades de auxiliar e auxiliar-se.

Vê a Majestade Divina nos Céus e identifica em si a pobreza infinita da Terra; tem o cérebro inflamado de glória e o coração invadido de sombra; orgulha-se ante os espetáculos magníficos do Alto e padece a miséria de baixo; deseja comunicar aos outros quanto apreendeu e sentiu na contemplação da vida ilimitada, mas não encontra ouvidos que o entendam...

Repara, então, que o Amor, na Terra, é ainda a alegria dos oásis fechados. Então, partindo os elos que o prendem à estreita família do mundo, o homem que desperta, para a grandeza da Criação, deambula na Terra, à maneira do viajante incompreendido e desajustado, peregrino sem pátria e sem lar, a sentir-se grão infinitesimal de poeira nos Domínios Celestiais. Sem embargo, nesse

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

homem alarga-se a acústica da alma e, embora acicatado pelo sofrimento, é sobre ele que as Inteligências Superiores estão edificando os fundamentos espirituais da Nova Humanidade.”

(1) **Emmanuel**, O homem ante a vida, (psicografia Chico Xavier), (Cap. 1), (pags 11-14.)

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano

Nº 421 –

O Consolador – (Rogério Coelho)

I. O progresso na Imortalidade

A Gênese

1164. Àquele que viver bastante para abranger com a vista as duas vertentes da nova fase, parecerá que um mundo novo surgiu das ruínas do antigo. O caráter, os costumes, os usos, tudo está mudado. É que, com efeito, surgirão homens novos, ou, melhor, regenerados. As ideias, que a geração que se extinguiu levou consigo, cederão lugar a ideias novas que desabrocharão com a geração que se erguerá. Tornada adulta, a Humanidade terá novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas; compreenderá o vazio com que foi embalada, a insuficiência de suas instituições para lhe dar felicidade, e já não encontrará, no estado das coisas, as satisfações legítimas a que se sentirá com direito. Despojar-se-á, em consequência, das faixas infantis e se lançará, impelida por irresistível força, para as margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos limitados.

1165. É a um desses períodos de transformação, ou, se o preferirem, de crescimento moral, que ora chega a Humanidade. Da adolescência chega ao estado viril. O passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões, nem fantasmagorias; sua razão amadurecida reclama alimentos mais substanciosos. É demasiado efêmero o presente; ela sente que mais amplo é o seu destino e que a vida corpórea é excessivamente restrita para encerrá-lo inteiramente. Por isso, mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de descobrir num ou noutro o mistério da sua existência e de adquirir uma consoladora certeza.

1166. Contudo, no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, em que transbordante se encontra de vida intelectual, em que o sentimento da espiritualidade lhe desabrocha no seio, homens que se dizem filósofos pretendem encher o vazio com as doutrinas do nadismo e do materialismo! Singular aberração! Esses mesmos homens, que intentam impelir para a frente a Humanidade, se esforçam por circunscrevê-la no acanhado círculo da matéria, donde ela anseia por escapar-se. Velam-lhe o aspecto da vida infinita e lhe dizem, apontando para o túmulo: Nec plus ultra!

1167. Quem quer que haja meditado sobre o Espiritismo e suas consequências e não o circunscreva à produção de alguns fenômenos terá compreendido que ele abre à Humanidade uma estrada nova e lhe desvenda os horizontes do infinito. Iniciando-a nos mistérios do mundo invisível, mostra-lhe o seu verdadeiro papel na criação, papel perpetuamente ativo, tanto no estado espiritual, como no estado corporal. O homem já não caminha às cegas: sabe donde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se lhe revela em sua realidade, despojado dos prejuízos da ignorância e da superstição. Já não se trata de uma vaga esperança, mas de uma verdade palpável, tão certa como a sucessão do dia e da noite.

1168. Ele sabe que o seu ser não se acha limitado a alguns instantes de uma existência transitória; que a vida espiritual não se interrompe por efeito da morte; que já viveu e tornará a viver e que nada se perde do que haja ganho em perfeição; em suas existências anteriores depara com a razão do que é hoje e reconhece que do que ele é hoje, qual se fez a si mesmo, poderá deduzir o que virá a ser um dia.

1169. Com a ideia de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização se limitam à vida presente, que, antes, a criatura nada foi e nada será depois, em que interessa ao homem o progresso ulterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam mais bem governados, mais ditosos, mais esclarecidos, melhores uns para com os outros? Não fica perdido para ele todo o progresso, pois que deste nenhum proveito tirará? De que lhe serve

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

trabalhar para os que hão de vir depois, se nunca lhe será dado conhecê-los, se os seus pósteros serão criaturas novas, que pouco depois voltarão por sua vez ao nada?

1170. Sob o domínio da negação do futuro individual, tudo forçosamente se amesquinha às insignificantes proporções do momento e da personalidade. Entretanto, que amplitude, ao contrário, dá ao pensamento do homem a certeza da perpetuidade do seu ser espiritual! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que a lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo há e de mais consolador do que a ideia de estarem os mesmos seres a progredir incessantemente, primeiro, através das gerações de um mesmo mundo, de mundo em mundo depois, até à perfeição, sem solução de continuidade!

1171. Todas as ações têm, então, uma finalidade, porquanto, trabalhando para todos, cada um trabalha para si e reciprocamente, de sorte que nunca se podem considerar infecundos nem o progresso individual, nem o progresso coletivo. De ambos esses progressos aproveitarão as gerações e as individualidades porvindouras, que outras não virão a ser senão as gerações e as individualidades passadas, em mais alto grau de adiantamento.

1172. A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida, efetiva, senão a que assenta em base inabalável, e essa base é a fé, não a fé em tais ou tais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, porquanto, anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que toda a gente pode aceitar e aceitará: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinito, a perpetuidade das relações entre os seres.

1173. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada de injusto pode querer; que não dele, porém dos homens vem o mal, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros. Essa a fé que o Espiritismo faculta e que doravante será o eixo em torno do qual girará o gênero humano, quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares.

1174. O progresso intelectual realizado até ao presente, nas mais largas proporções, constitui um grande passo e marca uma primeira fase no avanço geral da Humanidade; impotente, porém, ele é para regenerá-la. Enquanto o orgulho e o egoísmo o dominarem, o homem se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos para satisfazer às suas paixões e aos seus interesses pessoais, razão por que os aplica em aperfeiçoar os meios de prejudicar os seus semelhantes e de os destruir.

1175. Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, refreando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade. Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará caíam os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

1176. Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos. A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos, pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO VII)

1177. Semelhante estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que não se podia realizar senão fora do círculo das ideias acanhadas e corriqueiras que fomentam o egoísmo.

1178. Em diversas épocas, homens de escol procuraram impelir a Humanidade por esse caminho; mas, ainda muito jovem, ela se conservou surda e os ensinamentos que eles ministraram foram como a boa semente caída no pedregulho. Hoje, a Humanidade está madura para lançar o olhar a alturas que nunca tentou divisar, a fim de nutrir-se de ideias mais amplas e compreender o que antes não compreendia.

1179. A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana, fase essa que já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco.

1180. Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para as justas pacíficas da inteligência.

1181. Falta, porém, a essas reformas uma base que permita se desenvolvam, completem e consolidem; falta uma predisposição moral mais generalizada, para fazer que elas frutifiquem e que as massas as acolham. Ainda aí há um sinal característico da época, porque há o prelúdio do que se efetuará em mais larga escala, à proporção que o terreno se for tornando mais favorável.

1182. Outro sinal não menos característico do período em que entramos encontra-se na reação que se opera no sentido das ideias espiritualistas; na repulsão instintiva que se manifesta contra as ideias materialistas. O espírito de incredulidade, que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma a substância mesma de toda crença, parece ter sido um sono, a cujo despertar se sente a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, lá onde o vácuo se fizera, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio.

1183. Se supusermos possuída desses sentimentos a maioria dos homens, poderemos facilmente imaginar as modificações que daí decorrerão para as relações sociais; todos terão por divisa: caridade, fraternidade, benevolência para com todos, tolerância para todas as crenças. É a meta para a qual tende evidentemente a Humanidade; esse o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que, entretanto, ela perceba claramente por que meio as há de realizar.

1184. Ensaia, tateia, mas é detida por muitas resistências ativas, ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e refratárias ao progresso. Faz-se-lhe mister vencer tais resistências e essa será a obra da nova geração. Quem acompanhar o curso atual das coisas reconhecerá que tudo parece predestinado a lhe abrir caminho. Ela terá por si a dupla força do número e das ideias e, de acréscimo, a experiência do passado.